

«Por que comigo, meu Deus?»

LEOLA MAE HARMON

Quando olhei meu rosto, pensei: *Se o que vejo é o que sobrou, eu preferia ter morrido*

FOI numa bela tarde de novembro de 1968. Eu tinha então 23 anos de idade, estava grávida de cinco meses e, nessa tarde, dirigia-me ao Hospital Elmendorf, da Força Aérea americana, na cidade de Anchorage, no Alasca, onde exercia a minha profissão de enfermeira. A vida parecia-me tão esplendorosa e promissora como o claro e revigorante ar daquela região.

Exatamente às 14:30, o destino despedaçou este meu sonho de felicidade: um pesado caminhão de transporte, que vinha rodando atrás de um ônibus escolar, projetou-se sobre a pista em que eu ia. Avançou contra o meu carro de tal forma que, interpondo-se à minha frente, tolheu-me completamente a visão. Num último relance de fração de segundo, vi que o chofer do caminhão se achava caído sobre o volante, com a cabeça pendente. «Isto não pode acontecer!» exclamei. «Comigo, não!»

Impelida por tão violento impulso, que chegou a romper com

um forte estalo meu cinto de segurança, fui arremessada contra o pára-brisa. Em seguida, com um repelão brusco, fui sacudida violentamente, tendo batido com o rosto contra os raios do volante. Por fim, num último impacto, acabei sendo atirada para fora do veículo, atravessando o vidro feito em pedaços.

Nesse instante, pensei: «Isto é que é a morte.» Calma, frio e silêncio... tudo, parecendo envolto numa difusa névoa de brancura, perpassou diante de meus olhos como véu brumoso.

Mas eu não estava morta! Escutei vozes que diziam: «Tem uma coisa viva ali. Está mexendo!»

A «coisa» era eu. Eu estava viva. Tirei a cabeça não de um véu brumoso, mas do monte de neve onde me encontrava, tendo metade do corpo dentro dos destroços do carro. Na neve, vi o contorno do meu rosto nitidamente demarcado pelo sangue, com o qual se achavam misturados horrendos fragmentos de carne e ossos.

Cuidadosamente, os homens que estavam tentando salvar-me tiraram-me da neve dizendo que parecia impossível eu ter sobrevivido. Quantas vezes, como enfermeira, não ouvi pacientes traumatizados suplicarem: «Por favor, deixem-me desmaiar! Não agüento mais!» Dentro da ambulância, agora, vim a conhecer o exato sentido dessas súplicas desesperadas.

Carne e ossos esmagados foram socados para dentro da minha garganta e aos poucos iam ocasionando meu sufocamento. Alternadamente comecei a cair em estado de consciência e de inconsciência. Sabia que, se pudesse resistir até chegar ao Elmendorf, estaria salva. Lá, à minha espera, encontrava-se uma das melhores e mais hábeis equipes de profissionais – que eram todos meus amigos.

Eles, porém não estavam preparados para receber-me – a *mim*, uma colega deles. Em vez de agirem, ficaram petrificados. Enfermeiras, assistentes, médicos, todos olhavam para mim horrorizados, enquanto sussurravam preces.

Subitamente, um vulto irrompeu na sala de emergência e me perscrutou. A sua voz de comando servia para instigar todos os indivíduos que permaneciam ali tão imóveis como figuras de um quadro vivo, compelindo-os a entrar em atividade. «Eu vou fazer a traqueotomia. Você, Gary, cuide das pernas dela. Ray, aplique-lhe um cateter de veia – ela vai preci-

sar de sangue e de soro. Major, providencie para que o serviço de raios x fique de prontidão. Enfermeira, ligue para a sala de cirurgia e peça que eles se preparem para trabalhos de ortopedia, obstetrícia, cirurgia geral, plástica e bucofacial. Reúna todos os especialistas que haja no hospital.»

Então, senti sua mão firme sobre o meu ombro, e ouvi aquela mesma voz que comandava, agora suave e baixinho, a dizer: «Procure resistir. Desta, você escapará.» Acreditei nele.

O Dr. James O. Stallings, major do Corpo Médico da Força Aérea dos Estados Unidos, cuja especialidade era cirurgia plástica, só pouco tempo antes havia iniciado seu estágio de dois anos de serviço no Elmendorf. Nos meus intermitentes momentos de consciência, durante aquelas longas horas de radiografias e das primeiras intervenções cirúrgicas, que me salvaram a vida, ele explicava com calma a gravidade do meu estado. Não havia possibilidade de salvar a vida do filho que eu trazia no ventre. (De fato, foi natimorto três dias após o acidente.) Constataram-se diversas fraturas faciais, nas quais se verificaram triturações e fragmentos encravados, além de extensos danos nos tecidos e perda de dentes – ferimentos estes que exigiriam repetidas intervenções cirúrgicas.

Apesar das advertências do Major Stallings, a primeira vez que vi meu rosto no espelho, quatro dias

após a operação, ainda não me encontrava com o espírito bem preparado para contemplar aquela massa inchada de tecidos, descolorada e informe, e a boca desdentada. O que eu vi não correspondia a mais de um terço do meu rosto. Minha súbita reação de repulsa fora anteriormente experimentada pelo meu marido, ex-militar da Força Aérea, que se encontrava na faculdade de onde foi chamado depois do acidente. Quando ele se achava à beira do meu leito, pude ler nos seus olhos que eu, embora vivendo, já estava morta como sua esposa. Viam-se estampados no seu semblante sofrimento e comiseração, mas exclusivamente para com a linda e alegre moça que ele perdera naquela auto-estrada. O que ele via agora não passava de uma figura estranha e horripilante, sem a parte inferior da face — uma figura que só servia para revolver-lhe o estômago. Sem pronunciar palavra e sem me tocar com a mão, saiu do quarto. Este foi o momento do nosso tácito adeus que ficou confirmado pelo divórcio dentro de menos de dois anos.

Até mesmo antes de ter certeza de continuar com vida, comecei a pôr em dúvida se seria realmente sensato sobreviver. O Major Stallings deve, com certeza, ter lido meus pensamentos, pois passou a me fitar fixamente. Depois de certo tempo, disse-me: «Leo, você realmente está tão horrível que parece ter vindo das profundezas do

inferno.» Com um aceno demonstrei minha concordância.

«Mas você não vai ficar sempre assim», prosseguiu ele. «Dê-me um prazo de dois a cinco anos e vou fazê-la... bem... fazê-la pelo menos apresentável. Deus salvou sua vida. Agora nos compete tirar o maior proveito dela. Se você tiver coragem, Leo, eu disponho de tempo e de técnica.»

Agora sei que, naquele momento, eu não estava em condições de abarcar o sentido daquelas palavras de modo a poder compreender todas as suas implicações. Achava-me ainda aturdida por causa do choque físico e emocional de que fora vítima. Estava amargurada e culpava meu malfadado destino por tão grande desgraça. Obstinadamente eu não parava de inquirir: «*Por que comigo, meu Deus?*» Em curto espaço de tempo, perdi meu filho e meu marido, e, ao que parecia, até eu própria estava perdida. Não podia me convencer de que valesse a pena conservar a existência de uma pessoa como eu, que havia escapado do acidente, ficando quase sem lábio, boca e queixo.

Com a cirurgia plástica, um hábil médico como o Major Stallings pode remodelar, reparar ou suprimir tecidos como por encanto de mágica, mas, quando há tão pouco «material» à disposição do operador, fazem-se necessários da parte dele prolongados esforços, e os trabalhos devem ser executados em fases sucessivas. O tecido facial



A autora, numa foto recente

circundante era inadequado e insuficiente. Era preciso, portanto, obter tecido de outra região – que, quanto à estrutura, cor e capacidade potencial de produzir pelagem, apresentasse semelhança com a área para a qual devia ser transplantado. Mas que espécie de tecido é semelhante ao do lábio?

Quando o Dr. Stallings me disse que havia cogitado de um processo operatório capaz de reparar, em grau bem razoável, a aparência do meu lábio, dificilmente eu podia dar-lhe crédito. Ele tinha em mira empregar a técnica do «cruzamento da borda saliente do lábio». De acordo com essa técnica, teria que suturar a borda inferior do lábio superior (que estava menos danificada) no local do lábio inferior destruído. Após três semanas, a borda inferior transplantada do lábio supe-

rior fixa-se na sua nova posição, passando, então, a constituir parte integrante do lábio inferior. Este, poderá ser completamente separado do lábio superior, devendo as respectivas extremidades ser suturadas em seus lugares.

«Inicialmente», explicou-me ele depois, «eu não podia fazer uma idéia de como suprir a falta de mucosa, no seu lábio superior, depois da operação, mas, de repente, ocorreu-me que você possuía uma fonte ilimitada de mucosa ilesa e sadia. Bastava, pois, que você não se importasse de submeter-se a uma experiência clínica a ser realizada por mim, e que até então nunca fora tentada.»

«Qual deve ser o local doador?» perguntei ansiosamente.

«Quero empregar a mucosa da vagina», respondeu-me ele. «Os tecidos da boca e da vagina são semelhantes.»

Não pude responder-lhe logo no primeiro instante, mas, em seguida, achei a idéia divertida. «Quando podemos começar?»

«Antes, você precisará submeter-se a tratamento bucofacial. Receio que achará isso pouco agradável, mas sem o apoio dos serviços odontológicos, para darem forma à sua boca após a intervenção cirúrgica, não faremos nenhum progresso.»

A cirurgia bucofacial foi trabalhosa, mas, uma vez terminada a provação, o Dr. Stallings prosseguiu com o cruzamento da borda do lábio e o enxerto da mucosa.

Não demorou muito que eu começasse a encarregar-me dos meus próprios trabalhos de enfermagem. Decorridos alguns meses, voltei a desempenhar minhas obrigações de enfermeira no hospital. Os pacientes que atendia não se preocupavam demasiadamente com o aspecto horrível de meu rosto; apenas reconheciam o calor humano e a atenção que eu lhes dedicava. Foi evitando, a todo transe, deixar-me dominar pelo sentimento de autocomiseração que comecei a penosa tarefa de «reconstruir» meu íntimo.

Enquanto isso, o Dr. Stallings prosseguia fazendo a «reforma» do meu exterior. Nossos esforços se completavam, pois cada pequena melhora na minha aparência física me proporcionava coragem para avançar mais um passo no sentido da minha recuperação íntima.

Durante um período de sete anos, tive que submeter-me a mais de 35 cirurgias plásticas (das quais quatro constituíram inovações na prática cirúrgica), criadas pelo Dr. Stallings com o objetivo de satisfazer as necessidades do meu caso específico. Com isso adquiri uma fé inabalável na moderna cirurgia plástica, bem como confiança no homem excepcional que a efetuou.

Alguns meses depois, na minha condição de paciente internada, que ao mesmo tempo trabalhava, voltei a morar em meu apartamento. Esse foi o período mais árduo da minha adaptação psicológica. Fora do hospital, sempre

que alguém virava o rosto por causa da repugnância que eu lhe causava, toda a minha alegria com o progresso obtido sofria um abalo. Certo dia, indo atender à porta, deparei com algumas moças escoteiras que vendiam bolachas. Ficaram tão assustadas com meu aspecto que deixaram cair as caixinhas de bolachas e saíram correndo, em tropelia, esbarrando umas nas outras.

Nos primeiros anos após o acidente, a vida era uma luta constante contra o desespero e a profunda depressão. Cada diminuto progresso foi alcançado a duras penas. Todas as vezes que me sentia deveras deprimida, eu me dirigia bem cedo para o trabalho. Assim podia entrar no gabinete do Dr. Stallings para vê-lo. Na presença dele nunca deixei transparecer meu abatimento nem meu estado de depressão. Ele poderia pensar, talvez, que eu não tivesse grande reconhecimento por seus esforços. Sempre procurava animar-me e não parava de tagarelar, falando-me sobre qualquer nova idéia que concebia. Tinha uma maneira de expressar-se sem fazer uso de muitas palavras: «Você é algo de especial, e não se esqueça disso.»

Para a minha recuperação faltavam alguns anos. (Existem ainda trabalhos de «retoque» para fazer.) O Dr. Stallings iria completar seu estágio de serviço e depois deveria ser médico-residente de cirurgia plástica no Centro Médico da Uni-

versidade de Nova York. Eu teria que ficar sob seus cuidados a fim de submeter-me a cerca de uma dezena de operações de reparação dos olhos, nariz, boca e contornos faciais.

Em dezembro de 1970, o Dr. Stallings encontrava-se totalmente absorvido com suas ocupações de médico-residente. Eu me havia tornado não só a sua «paciente sob recuperação a mais longo prazo», mas também a assistente de suas pesquisas e a enfermeira encarregada de prepará-lo para as intervenções cirúrgicas de emergência. Pretendia montar consultório particular em Des Moines, Iowa, e, tendo me oferecido trabalho ali, aceitei imediatamente.

Entretanto, antes mesmo de completar seu estágio como residente, o Dr. Stallings, em sistema de rodízio, em permuta com um cirurgião plástico britânico que fora a Nova York, foi fazer um estágio na Grã-Bretanha. Permaneceu neste país por dois meses e, durante esse lapso de tempo, tornei-me entediada, irritadiça e distraída. Certo dia, quando ouvi um comentário de que em Des Moines o pessoal certamente iria arregalar os olhos ao ver um cirurgião plástico, jovem e solteiro, chegar acompanhado de uma jovem assistente, também solteira, fui forçada a reconhecer que não deveria ser para ele uma sobrecarga permanente.

Logo que ele chegasse da Grã-Bretanha, resolvi comunicar-lhe

minha decisão de permanecer em Nova York. No exato momento em que ele entrou em seu consultório, tive a impressão de que também pensava como eu. Começou a expressar-se achando dificuldade em encontrar as palavras adequadas. Então, decidi ajudá-lo a vencer a situação e disse-lhe: «Dr. Stallings, eu compreendo... seria muito difícil ter-me como sua assistente em Des Moines.»

Fitou-me diretamente nos olhos e comentou: «Sim, creio que era exatamente isso o que eu estava tentando dizer-lhe. Ouça, Leo, senti muito a sua falta na Inglaterra. Acho que deveríamos nos casar aqui antes de partirmos.»

Fiquei aturdida. Com o correr dos anos, eu me habituara a aceitar, até mesmo a antecipar, os milagres cirúrgicos de Jim Stallings... mas um milagre assim como o que agora surgia diante de mim nunca esperei. «Doutor...», comecei a dizer, e em seguida dei uma risada. Quando me perguntou qual a causa do meu riso, respondi-lhe: «Você teve minha vida nas suas mãos dezenas de vezes. Neste momento em que acaba de me pedir em casamento, nem sequer consigo chamá-lo pelo nome.»

No dia 10 de abril de 1971, tornei-me esposa do Dr. James O. Stallings. Hoje, estamos dirigindo o consultório particular de Jim. Diariamente agradeço a Deus por ter respondido a pergunta: «Por que comigo, meu Deus?» ▲